

## ENTREVISTA COM A PROFESSORA ELISA GUIMARÃES

Por Elioenai Piovezan<sup>1</sup> e Roberta Souza Piovezan<sup>2</sup>

A professora Elisa Guimarães, octogenária muito simpática e meiga, nos recebeu gentilmente em seu apartamento e nos abrihantou com uma hora de seu tempo para discorrer sobre sua vida e seu trabalho. Muito atenciosa e fazendo questão de ser chamada de “você”, disse inicialmente que sente orgulho em ter dedicado até hoje 62 anos de sua vida à educação, dos quais 40 em sala de aula. Concluiu o Doutorado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo em 1981 e, atualmente, é professora titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde atua em bancas de teses. Autora de dezenas de artigos, trabalhos em anais de eventos, itens de produção técnica, capítulos de livros e obras próprias, sua área de interesse abrange questões relacionadas ao texto, ao discurso e ao ensino.

*Verbum:* Professora Elisa, conte-nos um pouco de sua trajetória, da opção pelas Letras e de sua vida profissional e acadêmica.

**E**lisa Guimarães: Fiz a opção por Letras, pois, desde cedo, tive uma professora de Português, dona Beatriz, de quem gostava muito. Ela se preocupava muito com o enriquecimento do vocabulário e nos propunha muitos exercícios de redação. Com ela, aprendi a gostar de ler e escrever. É na escrita que sentimos as maiores potencialidades da língua. Quando conseguimos expressar o que pensamos por meio da escrita, estamos lidando com o que a língua nos oferece de mais valioso.

Comecei a minha carreira alfabetizando criancinhas na minha terra, uma aldeiazinha no sul de Minas, chamada São Sebastião do Rio Verde<sup>3</sup>, depois fui professora, fiz graduação na PUC-

<sup>1</sup> Mestrando em Língua Portuguesa da PUC-SP. Endereço eletrônico: elioenaisp@uol.com.br

<sup>2</sup> Mestranda em Língua Portuguesa da PUC-SP. Endereço eletrônico: robertasouza331@gmail.com

<sup>3</sup> Distrito elevado a município em 1º de março de 1963, hoje com pouco mais de 2 mil habitantes. Dados disponíveis em <[http://www.saosebastiaoorioverde.mg.gov.br/\\*A-Cidade-22/\\*/\\*/.lista](http://www.saosebastiaoorioverde.mg.gov.br/*A-Cidade-22/*/*/.lista)>. Acesso em 05 set. 2016.

SP e ajudei a fundar o Centro Universitário de Itajubá. Fui convidada a fazer pós-graduação na USP, em 1976, e, desde então, não voltei mais. Muitos diziam, na época, que só ex-alunos da USP conseguiam ingressar na pós-graduação lá. Seria injusto falar que há uma política (de favorecimento) na USP, creio que basta ter paixão e as condições necessárias. Pois bem, escolhi a professora Nelly Novaes Coelho (mais tarde homenageada na obra “Linhas e entrelinhas”, 2003, Editora Casemiro) para ser minha orientadora, pois conhecia e trabalhava com seus livros. Por sorte, naquele ano, “O Delfim”, do escritor português Cardoso Pires, foi publicado no Brasil e eu o utilizei durante uns quinze dias com meus alunos. Vocês acreditam que na prova escrita (de admissão da pós-graduação) a professora Nelly pediu para falarmos justamente deste livro? (risos). Então fiz toda minha carreira na USP. Aposentei-me aos 70 anos e ainda tenho muito trabalho a fazer. Nesse primeiro semestre, participei de seis bancas de doutorado (no Mackenzie).

**Verbum:** Em sua obra “A articulação do texto” (1990), você define bem os conceitos de coesão e coerência e aponta, entre outras, as relações lógicas e redundantes (na articulação de elementos temáticos) e as relações de equivalência e de hierarquia (na articulação de elementos estruturais) como essenciais para a construção de um texto. Você acredita que a escola de hoje ensina o aluno a articular bem o texto escrito?

**E**lisa Guimarães: Um dos pontos que precisa ser muito mais trabalhado é exatamente isso. Pois o texto bem arquitetado é o que mantém essa conexão, essas relações que se estabelecem entre as diversas partes do texto. Até hoje, a maior dificuldade que percebemos nas redações de vestibulandos é exatamente a organização das ideias. Os textos pecam mais pela fragmentação, falta-lhes a decorrência de ideias que tecem o que chamamos de coesão e coerência. Durante muito tempo, na prova de redação, os grandes vestibulares deram ao aluno a opção pelos tipos de texto: descrição, narração ou dissertação. Mas, após muita discussão, chegamos à conclusão de que o mais necessário ao aluno ingressante no curso superior é demonstrar sua capacidade de argumentar, é dar provas daquilo que ele afirma. Então, é por meio da dissertação que percebemos a forma de raciocinar do aluno.

**Verbum:** Em uma abordagem filosófica, Foucault (1969) afirma que a “função-autor” é o que possibilita compreender a autoria em diferentes lugares de um texto ou de uma obra; e Barthes (2004), ao decretar a morte do “Autor”, inaugura o estatuto do sujeito como escritor no mesmo nível do leitor, ou seja, ambos são escritores. É possível haver, de fato, alunos autores na escola?

**E**lisa Guimarães: Sim, os alunos autores vão se formando na medida em que vão se tornando coautores, enunciatários e se colocam como coenunciadores. No processo da escrita, existem duas condições: o texto do autor e o texto do leitor. Este se configura como forma interpretativa, pois na medida em que o interpreta, constrói também o seu texto. Nesse sentido, o leitor se torna o necessário coenunciador. O texto só possui completo sucesso quando encontra realmente uma resposta, que é um exercício de contenção, e depois de interpretação da parte do aluno. Então, penso que no processo da escrita existe uma contribuição indispensável do aluno. É por isso que o autor deve ter sempre em mente os leitores a quem escreverá, deve sempre conhecer as condições do leitor.

**Verbum:** De que forma os conhecimentos científicos das últimas décadas mudaram os conceitos de leitura e de escrita?

**E**lisa Guimarães: Nas últimas décadas, tivemos grandes avanços, pois antes dava-se muita importância ao conhecimento das regras gramaticais. Era considerado bom aluno aquele que pudesse ser senhor das regras da gramática. A partir da década de 60, com o surgimento da Linguística Textual, vivemos um importante processo evolutivo no ambiente linguístico tanto na leitura quanto na escrita, pois, passou-se a considerar que a verdadeira unidade de sentido não está numa palavra ou numa frase isolada, mas sim na palavra e na frase expressas no texto. Passou-se a dar mais importância não propriamente àquilo que o texto diz, mas sim à maneira como o texto diz, ao seu processo organizacional, como se estabelecem diferentes relações, como se distingue uma proposta, uma série de provas que argumentem essa proposta e uma conclusão. É lendo atentamente e observando a maneira como o autor organiza suas ideias que o aluno se exercita na arte de escrever. Por isso é tão recomendável que o aluno recolha daquilo que lê as ideias essenciais, separando-as

das ideias secundárias. Em vestibulares, é comum ainda encontrarmos alunos que interpretam bem, mas não conseguem resumir textos. Muitas vezes confundem as ideias secundárias com as essenciais. Mesmo os ingressantes na pós-graduação apresentam dificuldade em resumir ideias de um texto. Logo, é preciso que haja uma atenção especial quanto a isso, que se façam muitos exercícios de resumo na escola.

**Verbum:** Sabemos que não é o objetivo da escola formar escritores ou poetas. Trata-se de formar pessoas que leiam e produzam textos de forma competente. Para você, que competências um professor de Língua Portuguesa deve desenvolver em seus alunos? E quais capacidades esse professor precisa ter?

**E**lisa Guimarães: A primeira capacidade que o professor precisa ter é o interesse, seguida pelo respeito ao aluno. Como vamos repartir conhecimento, precisamos considerar a realidade que envolve a vida do aluno, sua idade, seu grau de experiência com leitura e escrita. Temos que levar em consideração a dosagem daquilo que será ensinado, respeitar o currículo de cada ano escolar e insistir com os exercícios de raciocínio no texto. É fundamental que o aluno compreenda o que autor quis transmitir com o texto e, para cada leitura, sejam realizados exercícios correspondentes. Resumir, variar o texto com sinônimos para verificar a carga semântica das palavras, e reescrever o texto com adequações, buscando sempre a aquisição de vocabulário. Sobre isso, aliás, é preciso ressaltar que vivemos num mundo tecnológico e somos cercados o tempo todo por imagens. Uma terceira capacidade é despertar no aluno o encantamento pela língua portuguesa, levá-lo a apreciar as opções feitas por um determinado autor, suas frases bem construídas, encontrar beleza e admirar essa “última flor do Lácio, inculta e bela”.

Eu faço às minhas irmãs lá de Minas um pedido um tanto edílico que, quando o Pai do Céu vier me buscar, que escrevam em minha lápide: “Elisa Guimarães, foi professora, amou seus alunos”. Então eu brinco com elas falando que poderia ser escrito em latim e elas dizem que as pessoas de lá, de uma cidadezinha tão simples, ficariam se perguntando: “Que língua é essa?” (risos). E eu digo, então, para colocarem também a tradução para o português (mais risos).

**Verbum:** Professora, como você compreende os conceitos de intertextualidade, interdiscursividade e dialogismo?

**E**lisa Guimarães: Primeiro, precisamos diferenciar texto e discurso. Em síntese, diria que o texto é um processo organizacional e o discurso é um processo interacional. Na intertextualidade, temos textos que se aproximam ou pela forma ou pelo conteúdo, textos que tematicamente vão se situar numa mesma esfera. A maneira como se organizam e as propostas que se interligam. Porém, esse processo organizacional exige determinadas qualificações. Começemos pela etimologia da palavra “texto”, é o particípio “textum” do verbo “texere”, que significa tecer. Então, o texto é um tecido formado de fibras que vão se completando. Se uma dessas fibras sair do prumo, temos um tecido roto, com rupturas. É o que acontece com o nosso texto quando não conseguimos estabelecer essa relação. Esses dados devem ser observados no processo de intertextualidade. Mas, veja que o subsolo do texto, a ideologia do texto está no discurso, está na discursividade. Essa nossa conversa, por exemplo, é um texto e é um discurso. É um texto em que espero estar cumprindo os processos de coesão e coerência, pois há uma linha de raciocínio sendo seguida. Mas é também um discurso. Eu estou aqui transmitindo um discurso do professor, da instituição escolar. Tudo o que estou dizendo faz parte de uma discursividade, e, se alinho várias teorias, eu tenho o interdiscurso. Então o texto é o solo e o discurso é o subsolo. Quando vou apreender o discurso estou tentando entrar na intencionalidade do autor: afinal, ele está dizendo isso por quê? Ou para quê? Em todo texto há discurso, existe intencionalidade, por isso não existe discurso neutro, pois há sempre uma intencionalidade. E quando entramos na esfera da interdiscursividade, estamos tentando perceber quantos discursos eu trouxe no meu discurso, quantas teorias eu trouxe. No texto nem sempre há intertextualidade, mas em todo discurso existe interdiscursividade. É importante perceber de quem é o discurso, sua finalidade primeira, sua ideologia, pois todo discurso resulta de uma formação ideológica e de uma formação discursiva. A primeira significa aquilo que se deve pensar e a segunda, aquilo que se pode dizer. E é no discurso que percebemos a ideologia, ou seja, a cosmovisão, visão de mundo do autor, as interpretações que ele faz dos fatos e das pessoas. Ao aprofundarmos no texto, nós entramos na senda do discurso. Já o dialogismo é o processo de vozes que existem no discurso. Há a voz da instituição do autor, a voz do autor ou de vários autores. Quando percebemos as várias vozes é que entramos na polifonia. Em cada texto existe sempre a possibilidade da intervenção de dois agentes: o autor e o leitor, o enunciador e o coenunciário.

**Verbum:** Em sua participação na obra “Retóricas de ontem e de hoje”, organizada pela professora Lineide Mosca (1997), a senhora contribui com o texto “Figuras de retórica e argumentação”. De que forma a Nova Retórica pode contribuir na formação de alunos da educação básica e do ensino superior?

**E**lisa Guimarães: A Nova Retórica, promovida por Chaïm Perelman, em “O tratado da argumentação: a Nova Retórica” (1996[1958], Editora Martins Fontes), atualizou a obra de Aristóteles, o primeiro gênio da Retórica. Creio que uma das grandes contribuições de Perelman foi exatamente essa revalorização do auditório, pois ele insiste na ideia de que o orador, antes de sua preleção, tem que estudar as condições do auditório e é isso que vai ditar a maneira como o discurso deve ser proferido. É o mesmo que fazemos quando nos preocupamos com as condições do nosso ouvinte/leitor. Tem que haver uma ressonância entre o que o autor diz e o que o ouvinte/leitor entende. Isso pode contribuir muito para a formação do aluno. Por exemplo, após uma aula expositiva, pedir para os alunos repetirem oralmente as ideias fundamentais daquilo que o professor disse, ou mesmo fazer um resumo escrito. Nesse sentido, o ensino da oralidade é importante na escola, é relevante e dá um tom de renovação do processo de ensino e aprendizagem. Afinal de contas, falamos muito mais do que escrevemos.

**Verbum:** Em que medida a falta de conhecimento prévio do aluno pode dificultar na compreensão das inferências na intertextualidade?

**E**lisa Guimarães: Para que o processo da intertextualidade seja entendido, é preciso haver um conhecimento prévio. Não se pode deixar o aluno adivinhar as coisas. Antes de uma redação, o professor precisa preparar o aluno, por meio de conversas, leituras, pesquisas. Por exemplo, a partir do tema “O professor é um profissional pouco valorizado no Brasil”, pergunta-se: o que quer dizer “pouco valorizado”? Como dizê-lo de outra maneira? É preciso que o aluno tenha ideias, e não condenar o pobrezinho a falar de coisas que ele não sabe.

**Verbum:** Professora Elisa, você possui uma trajetória de vida acadêmica invejável e tem apresentado muitas contribuições importantes no campo da Linguística Textual e da Análise do Discurso. Você realiza alguma pesquisa atualmente?

**E**lisa Guimarães: Estou sempre pesquisando, estou sempre atualizada, estou lendo e relendo, mesmo aposentada. Participo de bancas de doutorado. Costumo disciplinar a minha arguição em três momentos: primeiro eu faço um comentário dos aspectos mais relevantes; no segundo, faço perguntas para verificar se as pesquisas foram bem assimiladas; e no terceiro, apresento sugestões para a melhoria do trabalho. Meu interesse é sempre essa inter-relação entre texto e discurso, como em meu último livro “Texto, discurso e ensino” (2009, Editora Contexto), que creio ser de interesse muito grande para a comunidade acadêmica.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267